

# ENCONTROS SINFÔNICOS DE OUTONO



Governo do Estado de São Paulo  
Governador Paulo Salim Maluf

Secretaria de Estado da Cultura  
Deputado Cunha Bueno

Promoção: Secretaria de Estado da Cultura  
Apoio: R. T. C. - Rádio e Televisão Cultura

COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA DA SECRETARIA DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CAPA: Detalhe da obra "PAISAGEM" (1922) de  
Alfredo Volpi (1896).  
Óleo sobre tela. Acervo da Pinacoteca do  
Estado.

ORQUESTRA SINFÔNICA  
DO ESTADO DE SÃO PAULO

Diretor Artístico e Regente Titular: ELEAZAR DE CARVALHO

ENCONTROS SINFÔNICOS  
DE OUTONO

9.º ENCONTRO, 9 DE JUNHO DE 1980, ÀS 21 HORAS

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

## A Temporada de 1980

As séries de seis Encontros com o Barroco, dos doze Encontros Sinfônicos de Outono e dos doze Encontros Sinfônicos da Primavera a realizar-se durante os meses de março a novembro, representam mais uma etapa da Temporada Cultural de 1980, programada pelo Governo Paulo Salim Maluf, através da Secretaria de Estado da Cultura com a participação da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, sob a direção artística do Maestro Eleazar de Carvalho.

A série dedicada ao período barroco reunirá, como tradicionalmente vem acontecendo, um número expressivo de obras de autoria de compositores do período, entre outros, Bach, Vivaldi, Lobo de Mesquita, Haendel, etc. A ênfase da série de Encontros Sinfônicos de Outono será orientada para as celebrações do sesquicentenário da morte do Padre José Maurício Nunes Garcia, considerado o "pai" da música sinfônica brasileira e da série da Primavera, orientada para as comemorações do 120.º aniversário do nascimento de Gustav Mahler, o grande e discutido romântico. Do padre José Maurício, além do drama heróico, denominado "Ulissea", para soprano solo, coro e orquestra e do "Requiem" (1816), para quarteto vocal solo, coro e orquestra, que figuram no programa do concerto comemorativo dos 150 anos da morte do padre, ocorrido exatamente, no dia 18 de abril de 1830, serão executadas onze outras obras, uma em cada um dos demais onze concertos que constituem a série. De Gustav Mahler — será executado, pela primeira vez no Brasil, o ciclo completo das 10 sinfonias — evidentemente, do mais alto valor cultural — e mais os "lieder" famosos, entre eles, a célebre "Das Lied von der Erde".

A música brasileira, tanto a tradicional como a inovativa e experimental, continuará a ser considerada com a mesma importância já revelada nos anos anteriores.

Representando uma iniciativa de grande valor artístico, os "Encontros com o Barroco" e os "Encontros Sinfônicos de Outono e da Primavera" servirão para difundir entre os jovens de São Paulo, obras dos mais destacados compositores de todos os tempos, assim como oferecer ao grande público uma rara oportunidade de ouvir, durante oito meses, considerável número de composições que poderão ser apreciadas dentro de um contexto pedagógico e sempre com uma finalidade altamente cultural.

Deputado CUNHA BUENO  
Secretário de Estado da Cultura

Programa

Moteto e solo "TE CHRISTE SOLUM NOVIMUS" - (M. 52)  
para soprano-solo e orquestra

J. M. Nunes Garcia

I — Allegro moderato

II — Rondo. Allegretto

Solista: MARIA LÚCIA GODOY

Rapsódia sobre um tema de Paganini para piano e orquestra

Serge Rachmaninoff

Solista: NICOLE WICKIHALDER

INTERVALO

Sinfonia n.º 3 (Escocesa) em lá menor, op. 56

Felix Mendelssohn

I — Andante com moto; Allegro um poco agitato

III — Vivace non troppo

III — Adagio

IV — Allegro vivacissimo; Allegro maestoso assai

Regente: SERGIO MAGNANI

Solicita-se, respeitosamente, ao público não fotografar e não transitar  
dentro da Sala de Concertos durante as execuções.

## J. M. Nunes Garcia e sua obra

Nasceu no Rio de Janeiro a 22 de setembro de 1767 e "nos últimos anos do século XVIII, carregando já ponderável bagagem de compositor, aparece na direção de um curso de música que, paralelamente às suas funções de mestre-de-capela, compositor e regente, será mantido ao longo de sua existência".

Nomeado mestre-de-capela a 2 de junho de 1798, "somente no ano seguinte Jose Maurício se torna membro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos homens de cor, dona da Igreja em que funcionava a Sé".

Inicia fase de grande produtividade, "cabendo-lhe em decorrência, funções várias: organista, regente, compositor". Era também professor de música, "com responsabilidade da parte musical nas cerimônias religiosas promovidas na Sé pelo Senado da Câmara".

"Ao ser nomeado na Sé, já carregava em sua bagagem peças com orquestra (graduais, Antífonas) e pelo menos duas Overtures Sinfônicas".

"Quando, em 1808, o então Príncipe Regente da casa portuguesa vem refugiar-se na colônia para manter a integridade da Coroa ameaçada pela invasão napoleônica, encontra no Rio de Janeiro o mestre-de-capela José Maurício em pleno apogeu da sua força criadora. Tinha então 41 anos".

"Durante a permanência de D. João VI no Brasil, vive de início, a fase mais brilhante de sua carreira, a mais fecunda em todos os sentidos. O organista atua, o compositor se multiplica em numerosas produções".

"Em 1811, chega Marcos Portugal, logo investido das mesmas funções na Real Capela".

"... a produção de José Maurício decai. Já não mais escreve para a capela do rei. Em 1816, novo mestre-de-capela é nomeado: Fortunato Mazzotti (?)"

A volta de D. João VI para Portugal, torna a vida do compositor ainda mais difícil já que D. Pedro realiza diversas modificações na vida musical da Real Capela, que

é transformada em Capela Imperial. Publicam-se listas dos músicos que deveriam ser despedidos e as dificuldades financeiras impedem mesmo o pagamento dos ordenados. O inspetor da Real Capela, Monsenhor Fidalgo encaminha ao Imperador o orçamento da Capela Imperial para 1831, relatando "que os ordenados haviam chegado a tal nível, totalmente em desacordo com a situação econômica do momento" e "mesmo os sineiros servindo na capela" queriam a todo o custo despedir-se, "porque, dizem, em qualquer outra parte lhes dão mais".

Esse documento é assinado por importantes músicos da época de D. João VI e também por Marcos Portugal, "pobre" Fortunato Mazzotti, como o chamava Sigismundo Neukamm e José Maurício.

Com a morte de José Maurício Nunes Garcia a 18 de abril de 1830, encerra-se o período colonial da música brasileira, bem como as manifestações de origem barroca, cuja fase áurea acumulada durante quase um século nos legaria o maior tesouro musical do Continente Americano.

### TE CHRISTE SOLUM NOVIMUS

(M. 52) (1) — ANO 1800 — MOTTETTO A SOLO, COM RABECAS, FLAUTA, TROMPAS E BAIXO COMPOSTO EM 1800 POR JOZE MAURICIO NUNES GARCIA (2)

Apesar de no texto original a indicação dos instrumentos que compõem a orquestra do "Moteto", a Flauta estão no singular, na partitura figuram 2 flautas: uma primeira e uma segunda.

A obra está dividida em duas partes distintas, com os seguintes títulos: I - Allegro moderato; II - Rondó. Allegretto.

Depois de um introdução de 4 compassos, a voz solista — que deve ser de soprano — inicia o tema principal, entoando as palavras "Te Christe solum novimus". Toda a primeira parte está baseada no texto latino:

"Te Christe solum novimus mente pura et simplici flendo et canendo quaesumus intende nostris sensibus".

A parte melódica é fluente e amplamente ornada com vocalizes que identificam a influência italiana da época. No final desta primeira parte, uma cadência de duas notas, claramente no estilo da cadência harmônica (acorde de quarta e sexta, executado pela orquestra e, apenas com uma nota do acorde da dominante cantada pela solista, têm-se a sensação de uma resolução para o acorde da tônica) serve de conclusão.

A segunda parte tem início no mesmo tom (3) — Fá Maior — é baseada numa única frase: "Decantabo in aeternum — alleluia". A forma do Rondó é caracterizado pelo diagrama: Refrão - 1.a Estrofe — Refrão - 2.a Estrofe — Refrão - 3.a Estrofe — Refrão Coda. O refrão aparece sempre no tom de Fá Maior; a 1.a estrofe, no tom de Dó Maior; a 2.a estrofe, no tom

de Si bemol Maior e a 3.a, no tom de Fá Maior.

O moteto, segundo a musicóloga, Professora Cleofe Person de Mattos (4), publicada no Catálogo Temático das obras do Padre José Maurício (5), traz na parte do soprano, a seguinte inscrição, seguida pelo "incipit" e a menção: "E a elle pertence este papel". (G.A.S.) (6), e a seguinte: "Mottetto Techrise Solum novimus Com Violinos, Viola, Flautas, e Corni Composto Pello Pe. Me. da Capella da Sta. Sé Cathedral J. M. Nunes Garcia".

Na parte de contrabaixo o título foi completado com a menção "De Jozé Baptista Lisboa". Das raras cópias relacionando o autor à Sé Catedral. Essa parte também pertenceu à coleção de Gabriela Alves de Souza.

O "Moteto" é de feitura simples e a orquestração que está sendo utilizada é a que inclui 2 flautas, 2 trompas e o quinteto de cordas.

(1) A letra "M" significa a inicial do sobrenome de Cleofe Person de Mattos, autora do Catálogo Temático das obras do Padre José Maurício (Edição do Conselho Federal de Cultura — MEC 1970), obra que se equipara às existentes na bibliografia musical mundial. Arthur Cezar Ferreira Reis — na época da publicação do Catálogo, Presidente do Conselho Federal de Cultura e autor do Prefácio — informa que, no gênero a obra pioneira é do musicólogo austríaco Dr. Ludwig Ritter von Kochel, sobre as composições de Mozart (catálogo temático das obras do Padre José Maurício, pág. 6). Mas, o musicólogo vienense Dr. Otto E. Deutsch, autor do catálogo temático sobre a obra de Schubert, (W. W. Norton Company Inc. Publishers, New York, pág. IX) informa que a ordem da aparição de catálogos apresentando, em ordem cronológica, a obra de um só compositor é a seguinte:

Gustav Nottebohm — Beethoven — 1851  
Ludwig Ritter von Kochel — Mozart — 1862  
Friedrich Wilhelm Johns — Weber — 1871  
Gustav Nottebohm — Schubert — 1974

2 — A grafia é original; José, com "z" e sem o acento na letra "e".

3 — Os termos **tom** e **tonalidade** têm sido tomado em mais de um sentido, o que provoca confusão no emprego correto de cada um. Enquanto o **tom** é móvel, variando em altura e modo, a **tonalidade** varia apenas em modo. O correto será dizer-se **tons maiores e menores; sistema de tonalidade ou sistema**

tonal, pois, como é sabido, **tonalidade** opõe-se à **Modalidade**. (baseada nos modos gregos e/ou eclesiásticos, em oposição à **tonalidade**)

4 — CLEOFE PERSON DE MATTOS, é formada pela Escola Nacional de Música, da UFRJ, em Composição e Regência e foi Professora Catedrática de Canto Coral da mesma Escola. É uma estudiosa e pesquisadora da obra do Padre José Maurício e autora do **Catálogo Temático da Obra do Padre José Maurício Nunes Garcia**, editado pelo Conselho Federal de Cultura — MEC em 1970, uma das raras obras existentes na bibliografia musical mundial. São conhecidas a obra pioneira do musicólogo austríaco Gustav Nottebohm, sobre Beethoven, em 1851 e as de Ludwig Ritter von Kochel, sobre Mozart, em 1862, de Friedrich Wilhelm Johns, sobre Weber, em 1871 e de Nottebohm, sobre Schubert, em 1874. Fundadora da Associação de Canto Coral, a musicóloga Cleofe Person de Mattos procedeu à prospecção e à ordenação dos materiais existentes na Biblioteca da Escola Nacional de Música da UFRJ, no arquivo do Cabido Arquidiocesano, herdeiro da Capela Real, em coleções particulares, nas cidades históricas de Minas Gerais, e ainda em bibliotecas e arquivos europeus, especialmente em Portugal.

5 — "Catálogo Temático das Obras do Padre José Maurício Nunes Garcia" Ed. Conselho Federal de Cultura (1970) Rio de Janeiro.

6 — G.A.S. - são as iniciais do nome de Gabriela Alves de Souza, proprietária de uma preciosa coleção de originais de autoria do Padre José Maurício.

## Serge Rachmaninoff e sua obra

*Serge Rachmaninoff* nasceu em Onega, Governo de Novgorod, em 1873. Estudou no Conservatório de Moscou, onde, em 1892, ganhou a medalha de ouro de composição. Aos vinte anos compôs uma ópera (*Aleko*), o *Trio Elegíaco* e o Prelúdio em dó sustenido menor, mundialmente famoso. Com a idade de vinte e quatro anos já era muito conhecido através de toda a Rússia como compositor, regente e pianista. Em 1909 visitou os Estados Unidos pela primeira vez, apresentando-se nessas três qualidades. Posteriormente, excursionou várias vezes pelo país, firmando-se como um dos maiores virtuosos do piano em nossos dias. Em 1917, a Revolução Russa fez dele um exilado; fixou então residência na Suíça e depois nos Estados Unidos. Morreu na Califórnia em 1943.

Não se pode dizer que a música de Rachmaninoff tenha jamais descoberto novos mundos. Ele contentava-se, de maneira nostálgica e eloqüente, em refundir os velhos. Seus concertos para piano, sinfonias, o poema sinfônico *Ilha dos Mortos*, as peças pianísticas e as canções, são expressões de uma natureza intrinsecamente sensível ao belo. Quando explorado seu veio melódico, dele esguichava um escaldante jato de lirismo russo capaz de abrandar o mais empedernido coração.

Depois de Tchaikovsky, nenhum compositor da Rússia soube ser tão comovedor quanto Rachmaninoff. Nunca simpatizou muito com a música cerebral; daí seu profundo antagonismo primitivo com os nacionalistas russos como Mussorgsky e Rimsky-Korsakov que por sua música tinham de pregar um evangelho. Rachmaninoff jamais procurou expor outra doutrina que não a da beleza. E é essa a razão por que sua música sempre "canta".

Dele se pode afirmar, como algumas vezes foi dito de Tchaikovsky, que era a alma russa na música — emotivo, hipersensível, caprichoso, elegíaco e, alternadamente, meditativo e selvagem.

Foi um compositor eclético, que combinava em si muitos estilos e escolas diferentes. Segundo escreveu Frederick H. Martens: "Rachmaninoff poderia ser chamado elo de ligação entre as antigas tradições e os novos ideais. Sua técnica é eclética: ele conhecia bem os modernos mestres alemães e franceses. Seu talento criador, porém, era exclusivamente seu — e ele é russo. Deteve-se a meio caminho, entre o futurismo e o impressionismo, confiando em seus grandes recursos de imaginação para criar belas obras cheias de individualidade".

RAPSÓDIA SOBRE UM TEMA DE  
PAGANINI, para piano e-orquestra,  
Op. 43.

Composta em 1934, teve sua primeira execução em Baltimore, nos Estados Unidos, em 7 de novembro pela Orquestra Filadélfia, tendo como solista o compositor.

Sua orquestração é a seguinte: 2 flautas, piccolo, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetas, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpano, tamborim, triângulo, pratos, caixa clara, sinos, harpa e cordas.

Rachmaninoff acrescentou esta obra aos seus quatro concertos para piano e orquestra no verão de 1934 (de 3 de julho a 24 de agosto), em sua casa à beira do Lago Lucerna, na margem oposta à ilha *Tribschen* onde o 3.º ato de Siegfried e seu sucessor "O Crepúsculo dos Deuses" foram compostos.

A Rapsódia nada mais é do que uma série de 24 variações (o manuscrito apresentava o subtítulo "*en forme de variations*", mas o compositor omitiu-o na partitura impressa). O tema é aquele do último dos "24 Caprichos para violino solo", Op. 1, no qual Paganini compôs uma série de variações, e o mesmo que forneceu a Brahms o tema de suas "Variações sobre um tema de Paganini" para piano.

As 24 variações são em sua maioria curtas; algumas com certas características que dão margem a descrição: uma intro-

dução de 9 compassos sugere o tema, o qual é plenamente apresentado na 1.ª variação — *Precedente* — pelas cordas seguidas do piano; II - *L'istesso tempo*, para o piano acompanhado pelos sopros e cordas; III - *L'istesso tempo*; IV - *Piú vivo*; V - *Tempo precedente*; VI - *L'istesso tempo* com figurações em pianíssimo no instrumento solista; VII - *Meno mosso, a tempo moderato* nesta variação o piano introduz os tons familiares do Dies Irae com acompanhamento baseado no tema principal; VIII - *Tempo I*, uma brilhante variação com grandes acordes no piano; IX - *L'istesso tempo* num leve ritmo 6/8; X - outra vez o Dies Irae é ouvido nos instrumentos solo, crescendo a um fortíssimo clímax; XI - *Moderato*, com uma forma de cadência cromática e em arpeggios para o piano; XII - *Tempo di minuetto*; XIII - *Allegro*; XIV - *L'istesso tempo*; XV - *Piú vivo, scherzando* - introduzido por 27 compassos para o piano solo; XVI - *Allegretto*; XVII - desenvolvido sobre uma figuração em ritmo 12/8 no piano; XVIII - *Andante cantabile* - introduzindo um episódio melódico para o piano solo; XIX - *L'istesso tempo*; XX - *Un poco piú vivo*; XXI - *Un poco piú vivo*; XXII - *Un poco piú vivo (alla breve)*, uma longa variação abrindo com acordes marciais em *staccato* para o piano; XXIII - *L'istesso tempo* esta variação de crescente brilhantismo leva a XXIV, um término brilhante onde o Dies Irae ressoa fortíssimo nos metais e nas cordas.

Vd. — 1948 Boston Symphony Orchestra Program Notes, John Burk.

## Felix Mendelssohn e sua obra

### SINFONIA N.º 3. em lá menor, "Escocesa", Op. 56.

Na primavera de 1829, Felix Mendelssohn, um jovem e promissor pianista e compositor, visitou a Inglaterra, regeu e tocou como solista da Orquestra Filarmônica de Londres, foi entretido por pessoas encantadoras e se divertiu bastante. Para descansar do aturdimento dos triunfos obtidos, Mendelssohn acompanhado de seu amigo, Carl Klingemann, realizou uma longa viagem a Escócia, onde começou a escrever a Sinfonia Escocesa e a Gruta do Fingal. Esta sinfonia teve sua primeira execução em março de 1842, nos concertos Gewandhaus em Leipzig, sob a regência do compositor. Foi publicada em 1843 e sua instrumentação inclui 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetas, 2 fagotes, 4 trompas, 2 trompetes, tímpanos e cordas. Sua partitura tem a inscrição "composta e dedicada a Sua Majestade Rainha Vitória da Inglaterra".

Mendelssohn escreveu sobre os montanheseiros com "suas longas barbas ruivas, seus tecidos quadriculados, bonés e penas, joelhos nus e suas gaitas de fole nas mãos". Os mouros também o intrigaram bastante e, quando os nevoeiros e as chuvas permitiam, o insaciável turista os captava em seu caderno de esboços.

Ele escreveu também sobre a Gruta do Fingal e o Palácio de Holyrood, então uma pitoresca ruína, onde Maria da Escócia havia morado. "Ao entardecer fomos ao palácio onde a Rainha Maria viveu e amou; vimos um pequeno quarto com uma escada sinuosa em direção a uma porta — por ali eles vieram e achando Rizzio, o levaram para um canto escuro e o assassinaram. A capela adjacente agora não tem mais telhado, a grama e a era crescem nela e naquele altar destruído, Maria foi coroada Rainha da Escócia... Acredito ter achado nesta velha capela o início da minha Sinfonia Escocesa", acrescentando então 16 compassos que abririam a intro-

dução do 1.º movimento. Estes compassos tem sido também atribuídos a um incidente que ocorreu na volta à hospedaria em Edimburgo — Mendelssohn teria ouvido uma lamentosa ária escocesa cantada pela filha do proprietário.

Assim Mendelssohn trouxe da Escócia dois fragmentos de melodias que seriam bem usadas — nesta sinfonia e nos compassos iniciais da Abertura da Gruta do Fingal. Obras menores para piano e voz também foram influenciadas pela Escócia. Seria um erro procurar uma precisa descrição nesta partitura, ou mesmo em qualquer das sinfonias de Mendelssohn. Nem ele as publicou com títulos específicos, apesar de sempre usá-los como referência em suas cartas. Várias foram as tentativas para provar o caráter real da Sinfonia Escocesa. George Hogarth, que estava com Mendelssohn durante a competição dos gaiteiros em Edimburgo, testemunhou que "ele estava imensamente interessado pelas melodias guerreiras das diferentes famílias e outras variedades de música do país... Nesta sinfonia, apesar de ter sido composta muito tempo depois, ele incorporou com prazer algumas lembranças de um período a que ele gostaria de voltar. A maneira encantadora pela qual reproduziu algumas das mais características aspectos da música nacional — solene, patética, alegre, guerreira — é familiar a todo amador".

A dificuldade deste depoimento de Hogarth é que não é aceito pela maioria dos ouvintes, especialmente os germânicos. Um inglês entusiástico muito faria dessas semelhanças temáticas, mas, na realidade uma canção folclórica inglesa ou alemã pode ter muito em comum e até que Mendelssohn a tenha desenvolvido a seu modo, através de uma dúzia de compassos, a quase giga 6/ do 1.º movimento ou o tema do scherzo onde só é possível discernir-se o "caráter nacional", qualquer excursão escocesa parece ter desaparecido. Escritores alem. Os "vio-

lentos conflitos" do Finale (que muitos associam à reunião das diversas famílias) faz lembrar a Ambrose de um "leão no qual podemos imaginar um jovem Paladino em seu combate... e então para os ligeiros saltos do Scherzo — não podemos evitar — inventamos uma história de fadas, um conto tipicamente germânico, como a Bela Adormecida nos Bosques, ou Cinderela, ou Schneewittchen".

É provável que os pensamentos dos jovens germânicos estavam povoados com imagens musicais no verão de 1829, imagens que tomaram vulto, uma característica superficial do que se ouviu numa terra estranha. Um turista infatigável, ele deve ter achado os roucos zumbidos produzidos pelos musculosos homens de saias muito menos uma inspiração ou sugestão musical do que uma curiosidade exótica. Foi preciso um insulano como Chorley para achar e dar ênfase a características intervalos escoceses no Scherzo da Sinfonia. Mendelssohn, que tinha prazer em dar nomes pitorescos às suas sinfonias, principalmente em suas cartas, provavelmente não tinha sérias intenções descritivas, detestando ter que "explicar" sua música.

No inverno de 1830-31, enquanto em Roma e Nápoles, os temas que lhe ocorre-

ram durante a viagem anterior cresceram e tomaram forma. A Abertura da Gruta do Fingal o ocupava, assim como duas sinfonias, "as quais", ele escreveu, "estão zunindo na minha mente". Mas, a Sinfonia Italiana tomou conta das outras e até mesmo quando a "Escocesa" já estava em uma condição quase perfeita, parecia escapá-lo. Suas intenções eram muito boas para terminá-la, mas o sol italiano dispersou seus pensamentos. "Quem se admira que eu ache difícil voltar ao meu nebuloso humor escocês?" Este teria seus frutos no triste modo menor da música.

Mendelssohn levou anos reconsiderando, polindo, retocando suas sinfonias Italiana, Escocesa e Reformação, antes de publicá-las. Se estas tivessem sido numeradas na ordem de composição seriam: primeiro a dó menor (1824); segundo a Reformação (1830-32); terceiro a Italiana (1833); quarta a "Lobgesang" (1840) e última a Escocesa (1842). Porém a Italiana e a Reformação só foram publicadas após sua morte e por isso numeradas como a quarta e a quinta.

---

Vd. — Boston Symphony Program Notes, 1964, by John Burk.

## O regente

Sergio Magnani nasceu em Udine (Itália) em 1914, tendo cursado nesta cidade os estudos clássicos e o Conservatório, formando-se em piano, composição e regência. Discípulo de Alfredo Casella nos cursos de aperfeiçoamento do Conservatório de Sta. Cecília, em Roma.

Oficial combatente na segunda guerra mundial.

De 1947 a 1950 diretor dos serviços de música sinfônica e de câmara da Rádio Italiana em Roma.

Em 1950, muda-se para o Brasil, onde desenvolve atividades de pianista, regente, musicólogo e professor. Até 1964 é regente titular da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos e da Sociedade Coral de Belo Horizonte, junto à qual dirige as temporadas líricas anuais.

De 1964 a 1967 regente titular da Orquestra Sinfônica da Universidade da Bahia.

Atualmente, Supervisor da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais na Fundação Clóvis Salgado de Belo Horizonte.

Pertence ao corpo de fundadores da Universidade Mineira de Artes e da Fundação de Educação Artística e Belo Horizonte.

É professor de Literatura Italiana na Universidade Federal de Minas Gerais.

Autor de música sinfônica, camerística e coral, escritor e conferencista, reconstrutor de obras do barroco mineiro.

Doutor em Direito e doutor em Letras pela Universidade de Roma.

Cidadão Honorário de Belo Horizonte, medalha da Ordem da Inconfidência Mineira e Comendador da Ordem da Solidariedade Italiana por méritos culturais.

## MARIA LÚCIA GODOY

Com Maria Lúcia Godoy aconteceu o que representa o sonho de muitos artistas: foi ouvida pela nossa compatriota Bidu Sallão — famosa soprano do Metropolitan Opera House — e pelo Maestro Leopold Stokovski. O resultado foi que o próprio empresário de Bidu fez logo a sua apresentação em tournée de costa a costa dos Estados Unidos e Stokovski convidou-a para participar de sua temporada de 1967-1968 com a Philadelphia Orchestra e a American Symphony, no Lincoln Center e Carnegie Hall. Maria Lúcia estreava em New York.

Antes disso, sua arte já lhe valera uma bolsa de estudos, concedida pelo Governo Alemão, para aperfeiçoar-se com Marguerite von Winterfeld. Sua estréia na Europa (Bonn) igualmente resultara em vários recitais nas principais salas de concerto.

No Brasil, onde já se apresentou de norte a sul, interpretou diversas premiêres como "Let's make an opera", de Britten, "Roméo et Juliette", de Berlioz, e "Floresta do Amazonas", de Villa-Lobos (1.ª audição mundial em público), participou dos dois únicos festivais de música erudita da Guanabara e, como cantora de ópera, obteve diversos prêmios, entre os quais o de "Melhor cantora cênico-vocal", como "Charlotte", no "Werther", de Massenet, "Rosina", no "Barbeiro de Sevilha" e, em 1971, o de "Melhor cantora lírica do ano", em São Paulo como "Dorabella", no "Cosi fan tutte", de Mozart.

Já se apresentou com todas as melhores orquestras brasileiras e com a English Chamber Orchestra, Philadelphia Orchestra, Houston Symphony, American Symphony e Tulsa Philharmonic.

A convite do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, e sob o patrocínio do Instituto Goethe de Munich, percorreu com a Or-

questra e Coro de Colônia toda a América Latina, realizando trinta concertos, numa apresentação exclusiva dos nossos jovens compositores de vanguarda.

De uma das maiores gravadoras européias "Decca" — recebeu convite para gravar principalmente toda a obra cantada de Heitor Villa-Lobos.

## NICOLE WICKIHALDER

Nicole Wickihalder, pianista suíça, graduou-se pela Academia de Música de Viena, especializando-se com Nikita Magaloff. Laureada nas competições internacionais de Genebra e Vercelli, recebeu o "Prêmio de Solista" dado pela Associação de Músicos Suíços.

Nicole Wickihalder apresenta-se regularmente em tournées pela Europa, América do Sul e Oriente como solista das grandes orquestras e também em recitais.

Antes de sua vinda ao Brasil, apresentou-se em Paris e Budapest e em tournée pela Suíça com a Orquestra de Câmara Polonesa. Seus próximos concertos serão em Bogotá, Caracas e em novembro próximo irá pela terceira vez ao Japão.

---

## SONIA MUNIZ

Redatora Musical da OSESP e  
Responsável pela Produção do Programa

## Os intérpretes

Orquestra Sinfônica  
do Estado de São Paulo

12 Encontros Sinfônicos  
de Outono

1.º ENCONTRO — 18 de abril

FESTIVAL JOSÉ MAURÍCIO

ULISSÉIA — para soprano-solo, coro e orquestra

Solista: Victória KERBAUY

Clarineta "obbligato": A. M. GUTIERREZ

MISSA DE REQUIEM — 1816

Quarteto vocal solista, coro e orquestra

Solistas: Maria Helena BUZELIN, soprano

Sílea STOPATTO, contralto

Eduardo ÁLVARES, tenor

Zuínglio FAUSTINI, baixo

CORAL BACCARELLI

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

2.º ENCONTRO — 21 de abril

JOSÉ MAURÍCIO — Sinfonia Fúnebre

SCHUMANN — Concerto em lá menor, Op. 128,  
para violoncelo e orquestra

Solista: Zygmunt KUBALA

MENDELSSOHN — Sinfonia n.º 4 (Italiana)

Regente: JORGE SALIM

3.º ENCONTRO — 28 de abril

JOSÉ MAURÍCIO — Abertura em Ré

SAINT-SAENS — Concerto n.º 2, em sol menor,  
para piano e orquestra

Solista: Eudóxia de BARROS

BRAHMS — Variações sobre um tema de Haydn,  
Op. 56-a

BEETHOVEN — "Aleluia" - do oratório "Cristo  
no Monte das Oliveiras"

RIMSKY-KORSAKOFF — "Glória"

CORAL ADVENTISTA

Regente: CARLOS VEIGA

4.º ENCONTRO — 5 de maio

BRAHMS — Overture Trágica  
(sob a regência de Michael KELLY)

Concerto n.º 1, em ré menor, Op. 15 para  
piano e orquestra

Concerto n.º 2, em Si bemol Maior, Op. 83,  
para piano e orquestra

Solista: Jacques KLEIN

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

5.º ENCONTRO — 12 de maio

JOSÉ MAURÍCIO — ZEMIRA, Overture

MOZART — Concerto n.º 24, em dó menor,  
K-491, para piano e orquestra

Solista: Vera ASTRACHAN

BRAHMS — Sinfonia n.º 1, em dó menor, Op. 68

Regente: OLIVIER TONI

6.º ENCONTRO — 19 de maio

Concerto em homenagem ao centenário do  
nascimento de FURIO FRANCESCHINI

SÁ PORTO — Abertura sinfônica "José Bonifácio"

VIEUX TEMPS — Concerto em ré menor, Op. 31,  
para violino e orquestra

Solista: Natan SCHWARTZMAN

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

JOSÉ MAURÍCIO — Te Deum, em Ré Maior para  
coro e orquestra

FRANCESCHINI — a) Meditação n.º 2, p/orq.

b) "Brasileiros" - Coro e orquestra

CORAL BACCARELLI

Regente: SILVIO BACCARELLI

Orquestra Sinfônica  
do Estado de São Paulo

12 Encontros Sinfônicos  
de Outono

7.º ENCONTRO — 26 de maio

DEBUSSY — L'après-midi d'un faune

RAVEL — Concerto em Sol Maior, para piano e orquestra

Solista: Anna Stella SCHIC

JOSÉ MAURÍCIO — Te Deum em lá menor para coro e orquestra

SCHUBERT — Missa Alemã (Deutsche Messe) n.º 7, D-872, para coro e orquestra de instrumentos de sopro com órgão "obbligato"

CORAL ADVENTISTA

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

8.º ENCONTRO — 2 de junho

PROKOFIEFF

Overture sobre temas hebraicos, Op. 34

Concerto n.º 1, em Ré bemol Maior, Op. 10 para piano e orquestra

Concerto n.º 5, em Sol Maior, Op. 55 para piano e orquestra

Solista: Maria da PENHA

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

9.º ENCONTRO — 9 de junho

JOSÉ MAURÍCIO — Moteto a solo "TE CHRISTE SOLUM NOVIMUS" para soprano-solo e orquest.

Solista: Maria Lúcia GODOY

RACHMANINOFF — Variações sobre um tema de Paganini para piano e orquestra

Solista: Nicole WICKIHALDER

MENDELSSOHN — Sinfonia n.º 3 (Escocesa)

Regente: SERGIO MAGNANI

10.º ENCONTRO — 16 de junho

JOSÉ MAURÍCIO — Quarteto 1801, Versão para orquestra de cordas (transposição de trechos da Missa em Si bemol)

LISZT — Concerto n.º 2, em Lá Maior, para piano e orquestra

Solista: Gilberto TINETTI

DVORAK — Sinfonia n.º 5, em mi menor, "Novo Mundo"

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

11.º ENCONTRO — 23 de junho

JOSÉ MAURÍCIO — Laudate Pueri, para soprano-solo, coro misto e orquestra

Solista: Edmar FERRETTI

CORAL ADVENTISTA

DEBUSSY — Noturnos

I - Nuages. II - Fêtes. III - Sirènes  
Seção feminina do Coral Adventista

RACHMANINOFF — Concerto n.º 3 para piano e orquestra

Solista: Nelson FREIRE

Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

12.º ENCONTRO — 30 de junho

ALMEIDA PRADO — Estigmas

SCHUBERT-LISZT — Vnderer Fantasie, Op. 15, para piano e orquestra

Solista: Amaral VIEIRA

BEETHOVEN — Sinfonia n.º 7 (da dança) - Op. 92 em Lá Maior

Regente: PIERRE COLOMBO